



CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACE/SE: t.me/jornaiserevistas

www.crusoe.com.br - 20/03/2020

Funcionário desinfeta
praça em Milão, na Itália

COVID-19

O vírus da desglobalização

Com fronteiras fechadas e países em transe sob o temor de uma recessão mundial, o novo coronavírus testa os limites da globalização

POR DUDA TEIXEIRA

Canal Único PDF O Jornaleiro



Cadê o Jornaleiro, gente?!

Acesse nosso Canal no Telegram:

t.me/jornaiserevistas ou [@jornaiserevistas](https://t.me/@jornaiserevistas)



Funcionário de saúde entrevista motorista em posto para a Covid-19 na Virgínia, Estados Unidos

O vírus da desglobalização

Com fronteiras fechadas e países em transe sob o temor de uma recessão mundial, o novo coronavírus testa os limites da globalização

20/03/2020 01:31



DUDA TEIXEIRA



CANAL ÚNICO PDF O JORNALERO
ACE/JE: t.me/jornaiserevistas

► OUVIR NOTÍCIA

Em pouco mais de uma semana, ao menos 92 países — quase a metade das nações do mundo — anunciaram o fechamento parcial ou total de suas fronteiras para conter a pandemia do novo coronavírus, que causa a Covid-19. Estados Unidos e Canadá concordaram em uma restrição recíproca para todo tipo de tráfego não essencial. A União Europeia cerrou todas as fronteiras externas para não residentes por 30 dias — e internas também. Até lugares remotos, como o Djibouti, o Uzbequistão e o Iêmen entraram na onda.

Na América Latina, o Brasil foi um dos últimos países a bloquear suas fronteiras. Uma portaria publicada na quarta, 18, proibiu a entrada de venezuelanos. Quem desobedecer será deportado imediatamente. Um dia depois, o governo brasileiro fechou os limites com outros oito países vizinhos.

A multiplicação acelerada das barreiras entre os países não tem paralelo na história e marca uma reversão no fenômeno da globalização. É como se as fronteiras, que nas últimas décadas foram sendo abolidas na prática e, assim, repetidamente ignoradas pelos cruzeiros, aviões e navios cargueiros e de turismo, de repente retomassem a importância que tiveram em um passado distante. Causou choque na Europa, por exemplo, a decisão unilateral da Alemanha de controlar as suas fronteiras com países que aderiram ao Acordo de Schengen. Se era para ser um espaço único nas alegrias e tristezas, por que fechar?

As primeiras fronteiras físicas foram criadas pelos impérios, para impedir invasões de bárbaros. Resquícios desse período são a Muralha da China, idealizada pelo imperador Qin Shi Huang no século 3 a.C., e os muros de pedra, valas, fortalezas e torres de vigilância construídos pelos imperadores romanos na Europa. Com a queda do Império Romano, em 476 d.C., vários reinos surgiram no espaço que hoje abriga a União Europeia. Ao longo dos séculos seguintes, apesar das guerras e disputas por colônias, seus monarcas desenvolveram um certo sentido de coexistência, o que acabaria moldando uma nova ordem para todo o planeta. "Diferentes dinastias e nacionalidades em competição eram percebidas não como uma forma de caos a ser eliminado mas, na visão idealizada dos estadistas europeus, como um mecanismo intrincado tendendo ao equilíbrio que preservava os interesses, a integridade e a autonomia de cada povo", escreveu o diplomata americano Henry Kissinger, em seu livro *Ordem Mundial*. O estado-nação nasceu então como um território, devidamente delimitado por fronteiras, em que um governo exerce soberanamente seu poder. No século XVII, esse entendimento foi formalizado nos acordos conhecidos como a Paz de Vestfália.

No século XX, a entrada tardia de alguns países no tabuleiro do poder colonial deflagrou duas guerras mundiais. Nas décadas que se seguiram, não apenas foi possível evitar uma terceira guerra global como a paz foi sendo assegurada gradualmente. Primeiro, com a criação de organizações internacionais, como a ONU. Depois, com o comércio. Fazendo pouco caso dos limites nacionais, empresas privadas multinacionais estreitaram os vínculos entre as nações, enriqueceram pessoas e tornaram conflitos bélicos altamente indesejáveis. Do lado negativo, uma parte delas, que se tornou maior do que muitas nações, também patrocinou ditaduras e pisoteou o meio ambiente.



Coliseu de Roma, que foi fechado ao público

Foi justamente a Europa, palco do fascismo, do nazismo e das duas grandes guerras, a região que mais avançou na ideia de apagar fronteiras. Pensada como uma entidade política supranacional, a União Europeia retirou uma porção significativa da soberania dos governantes. Trinta países, incluindo quatro de fora do bloco, assinaram o Acordo de Schengen, que aboliu os postos fronteiriços. Com pessoas circulando livremente em um espaço comum, os rancores nacionalistas do passado esmaeceram-se.

O resto do mundo seguiu na mesma toada. A queda do Muro de Berlim, em 1989, e o fim da União Soviética, em 1991, derrubaram a divisão rígida da Guerra Fria e ampliaram o espaço para os empresários fazerem negócios. Desde então, o volume do comércio internacional foi multiplicado por oito. Fábricas se instalaram em países em desenvolvimento, em busca de mão de obra barata. Mais de 1 bilhão de pessoas deixaram a extrema pobreza. A diferença entre países pobres e ricos diminuiu. Em trinta anos, o PIB per capita dos países em desenvolvimento foi multiplicado por 5, enquanto o dos países ricos, por 2,5. Esse é o saldo econômico da globalização.

Os anúncios sucessivos de fechamento de fronteiras dos últimos dias, na esteira do salve-se quem puder geral, contrariam essa tendência globalizante. O passo atrás já vinha ocorrendo principalmente nos países desenvolvidos, por obra de grupos excluídos. Nas nações ricas, uma boa parte da classe média, com baixa escolaridade, não consegue se encaixar nos novos empregos do mundo digital e sente nostalgia dos trabalhos industriais do passado. Em 2015, a chegada de 1 milhão de imigrantes na Europa pelo Mediterrâneo também ajudou a semear a xenofobia. Emergiu a corrente denominada antiglobalista, que teve a sua

glória no Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia.

As medidas recentes, obviamente, nada têm a ver com ideologia. Depois da tragédia em curso na Itália, a França e a Espanha decretaram o confinamento de seus cidadãos. A Alemanha, como já dito, impôs controles fronteiriços na segunda, 16. Em reunião para discutir as violações ao Acordo de Schengen, a chanceler Angela Merkel — a mesma que disse em 2015 que a Europa tinha obrigação moral em acolher os imigrantes — defendeu a obstrução das fronteiras externas da União Europeia por 30 dias. Levou. Os países da União Europeia deram-se conta de que os serviços de saúde são nacionais, com características e limites próprios, e que cada um deveria cuidar dos seus próprios cidadãos, se o objetivo era conter a pandemia.

Cecilia Fabiano/LaPresse/DiaEsportivo/Folhapress



Paciente infectado com Covid-19 é transportado na Itália

A mesma globalização que enriqueceu o mundo imprimiu velocidade de propagação ao novo coronavírus. Sem fronteiras ou com fronteiras mais fluidas e menos controles, o turismo de massa e as viagens de negócio atingiram proporções inimagináveis. Em apenas quatro meses, o coronavírus infectou 200 mil pessoas em mais de 170 países (a ONU, para se ter uma ideia, tem 193 membros). O vírus é, assim, quase uma metáfora da globalização. O nome insofista da doença causada pelo vírus, Covid-19, foi pensado de modo a não suscitar preconceito contra os chineses, onde a pandemia começou, e para não atizar ataques contra os animais que podem tê-la transmitido para os humanos, como os morcegos. Com a gripe espanhola, tudo foi diferente. Daquela vez, a pandemia alastrou-se em três ondas, ao longo de três anos, deixando um saldo macabro de dezenas de milhões de mortos, dadas as condições sanitárias e médicas da época — um número incomparável

com os atuais 9 mil óbitos causados pelo coronavírus. Aliás, apesar do nome, a epidemia não começou na Espanha. Ela foi batizada assim porque, como o país se manteve neutro na I Guerra Mundial, os meios de comunicação espanhóis eram dos poucos que falavam abertamente sobre a doença. Nos demais, as notícias eram censuradas.

Impedir que notícias sobre o coronavírus cheguem à população hoje é praticamente inviável, embora a China tenha tentado censurar as notícias sobre a epidemia que se instalara na cidade de Wuhan, epicentro da pandemia. Mesmo em países como Cuba e no Irã, os cidadãos conseguem se informar pela internet. É assim que a globalização, ironicamente, ao mesmo tempo que permite que um vírus se alastre rapidamente, também faz parte da solução. Embora o fenômeno tenha se intensificado nos últimos dias, em suas orientações a Organização Mundial da Saúde não recomenda o bloqueio das fronteiras. A justificativa é que, quando as pessoas são impedidas de viajar legalmente, elas acabam fazendo isso de maneira ilegal, o que favorece a propagação da epidemia. O confinamento das pessoas em suas casas, a conscientização da população sobre os métodos de higiene e a correta atuação dos sistemas de saúde são mais efetivos, defende a organização.

Os governantes, porém, têm preferido não correr riscos. Inclusive porque a maior ameaça do novo coronavírus é colapsar os sistemas de saúde, se a curva de crescimento continuar a subir abruptamente — o novo coronavírus, que ataca os pulmões e pode causar síndrome respiratória aguda, exige a internação de todos os casos mais sérios, muitos deles em UTI. Se faltam leitos para os seus próprios cidadãos, como atender os de outros países? A portaria brasileira que proíbe a entrada de venezuelanos, por exemplo, cita a “dificuldade de o Sistema Único de Saúde brasileiro comportar o tratamento de estrangeiros infectados pelo coronavírus”.

Há também um ganho político com a decisão de fechar fronteiras. “A percepção geral é a de que os governantes que as fecham serão beneficiados, independentemente do desenvolvimento da epidemia. Mesmo se ocorrer uma calamidade em seus países, eles serão elogiados por terem atuado com firmeza. Caso os efeitos da doença sejam amenizados, a restrição ao fluxo de pessoas será considerada como um dos fatores do sucesso”, diz Nidi Bueno, professor visitante da Escola de Serviço Exterior da Universidade Georgetown.



China teve redução no número de novos casos de infectados

Para além dos reflexos da epidemia sobre os sistemas de saúde pública, os países se preocupam com os danos — já sentidos em várias partes do mundo — à economia. O avanço da doença e a consequente paralisação das economias, com o confinamento de profissionais de praticamente todos os setores, causa prejuízos já maiores do que as da crise de 2008. As Bolsas vêm despencando violentamente e, no Brasil, o dólar ultrapassou em muito a marca dos 5 reais, algo jamais visto desde a adoção da moeda brasileira, em 1994.

A situação é tão grave que os bancos centrais dos Estados Unidos e da União Europeia jogaram logo na mesa pacotes de 1,5 trilhão de dólares e 750 bilhões de euros, respectivamente, para salvar os países do naufrágio. Uma ilustração de que o nacionalismo vive mesmo onde não deveria é o Banco Central Europeu. A presidente do banco, Christine Lagarde, começou negando ajuda maior à Itália, para indignação de Roma; mudou de ideia coincidentemente quando a França se viu obrigada a confinar a população. Seja como for, até agora os pacotes não funcionaram. O maior problema para o mercado financeiro é precificar a crise. Ou seja, ter um horizonte de quando ela vai acabar. Ninguém sabe, de verdade. O pico dos registros dos casos de infecção na Itália está previsto para a semana que vem — atingido o pico, eles começariam a cair. Se isso não ocorrer, o pânico aumentará. E há ainda os Estados Unidos, que já ultrapassaram a marca dos 10 mil contágios. Como se comportará o coronavírus nos 50 estados americanos, em especial Nova York e Califórnia? No Brasil, a previsão é a de que o pico será em 20 de abril, mais ou

menos. A única boa notícia vem da China, onde as infecções endógenas zeraram, a crer no governo chinês. O que ocorre agora lá é o registro de casos de pessoas que vieram do exterior — o bom vírus à casa torna. Para tentar dar um horizonte ao mercado, Bill Gates, que deixou recentemente o conselho da Microsoft para se dedicar integralmente à filantropia, voltou à cena econômica para dizer que a crise do novo coronavírus duraria, no máximo, mais dez semanas.

O coronavírus passará, assim como passaram tantas outras pestilências. Mas talvez o seu efeito desglobalizante tenha um impacto a ser sentido ao longo dos próximos anos. A pandemia fechou fronteiras temporariamente, mas quem sabe tenha gerado a percepção de que a homogeneização promovida pela globalização não está imune a características culturais mais atávicas — como a de comer bichos estranhos que hospedam seres perigosos como o novo coronavírus. O vírus da desglobalização também deixou evidente que, quando a vida está em risco, as nacionalidades revivem. Ele mostrou ainda que o mundo atingiu o seu limite no turismo de massa e no de negócios. As cidades mais visitadas não suportam mais tanta gente de fora, seja a turismo ou a negócios. Falta estrutura e os cidadãos locais sentem-se compreensivelmente invadidos. Uma certa dose de desglobalização pode levar a que não se perca o que foi conquistado nos últimos anos e até criar anticorpos contra a xenofobia.



Bolsonaro e ministros reagem ao vírus: medidas econômicas para evitar desastre

A guerra brasileira

A realidade se impõe, o presidente da República se rende à ameaça da epidemia e o país tenta sobreviver à maior crise do século

20/03/2020 01:31



HELENA MADER



IGOR GADELHA

► OUVIR NOTÍCIA

Desde que passou a ter chances reais de alcançar o Palácio do Planalto, Jair Bolsonaro sempre se moveu de acordo com as circunstâncias. Parlamentar de perfil nacional-desenvolvimentista, assumiu a ortodoxia liberal depois de entender que esse era o único receituário possível diante do cenário de terra arrasada deixado pelo PT. Sob as bênçãos de pesos pesados do PIB – como costuma ser chamado o grupo que reúne os grandes empresários, banqueiros e agroexportadores do país – o então candidato encarnou o anti-Lula e o resto já é história. Agora, diante da mais grave crise já enfrentada pelo seu governo, e que engolfou economias mundiais muito mais imunizadas do que a nossa, o presidente mais uma vez teve de agir premido pelas circunstâncias. Foi, de novo, não por convicção, mas preocupado com a sobrevivência do próprio governo, que o presidente se movimentou nos últimos dias. Desde a eclosão da pandemia do coronavírus, Bolsonaro nunca esteve convencido de seu potencial explosivo, tanto para a saúde pública quanto para a economia. A aliados, sempre repetiu o que manifestou publicamente: que tudo não passava de histeria. Sobreviveríamos à doença que já aterrorizava o mundo, senão incólumes, com poucas avarias, entendia o presidente.

A perda de popularidade, identificada em monitoramento de redes sociais e o rufar das panelas e gritos em redutos que sempre lhe franquearam apoio, somada ao temor de ficar carimbado com a pecha de irresponsável depois de aparecer cumprimentando manifestantes na rampa do Planalto, quando ainda estava com resultado de exame de coronavírus pendente, e à preocupação com as consequências políticas do derretimento das contas públicas, fizeram o presidente dar um cavalo de pau. Mesmo que se discuta a eficiência da mensagem transmitida durante entrevista coletiva concedida na tarde de quarta-feira, 18, ao lado de ministros e com todos paramentados com máscaras, a verdade é que o Planalto reagiu e, somando-se ao Ministério da Saúde, que já vinha fazendo um bom trabalho, partiu para a guerra contra o novo coronavírus.

A reação veio também na forma de um pacote de 169,6 bilhões de reais para tentar conter os danos da epidemia à economia. Além do auxílio financeiro a trabalhadores informais e desempregados, que receberão 200 reais mensais para as despesas básicas (a ajuda foi logo apelidada de “coronavoucher”), haverá simplificação de normas para o teletrabalho e antecipação de férias e feriados. O governo vai liberar também a redução proporcional de salários e de jornadas de trabalho. O corte, entretanto, não poderá resultar em remunerações inferiores a um salário mínimo. Outra medida destinada a desafogar trabalhadores e empresários é a suspensão de cobranças e a facilitação para renegociar dívidas com a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional. Dentro de casa, o caixa do Ministério da Saúde foi reforçado em alguns bilhões.



Paulo Guedes: auxílio estatal para desafogar trabalhadores e empresários

As medidas vieram na esteira do anúncio de generosos pacotes pelas grandes potências globais com o intuito de combater a doença e seus efeitos colaterais. Por aqui, porém, o espaço fiscal é bem mais limitado. Para efeito de comparação, nos Estados Unidos, o governo estuda enviar cheques de até 1 mil dólares a cidadãos afetados pela crise. O custo do pacote de socorro chega a 1 trilhão de dólares. A França e a Itália avaliam medidas extremas, como a estatização de empresas privadas, para tentar salvar empregos. Mesmo assim, é possível enxergar um esforço sobretudo da equipe econômica do governo para conter os efeitos da disseminação do novo coronavírus. Entre as propostas do governo Bolsonaro para fazer frente à crise, o setor aéreo até agora foi um dos maiores agraciados. O presidente assinou uma medida provisória que prorroga até dezembro o limite para pagamento de taxas aeroportuárias e aumenta para doze meses o prazo para devolução do valor de passagens canceladas. O setor da aviação quer mais e cobra a redução de tributos, como o que incide sobre o querosene.

Empresários do turismo, afetados pelo cancelamento em massa de viagens, também pedem socorro. “O setor, responsável por mais de 1 milhão de empregos diretos e indiretos, não vai suportar o impacto financeiro, caso não haja uma intervenção do governo federal”, alegaram, em nota, oito grandes entidades representativas de hotéis e atrações turísticas. Com queda de 90% no faturamento, bares e restaurantes querem que o governo pague o salário dos funcionários enquanto durar a quarentena social. O ministro Paulo Guedes anunciou que, se for preciso, novas medidas para enfrentar a crise serão anunciadas a cada

48 horas. Assim como aconteceu na semana passada, o real seguiu se desvalorizando ante o dólar e a Bolsa de Valores despencou. No front do Judiciário, já prevendo um turbilhão de processos de todo tipo em razão da crise, as autoridades se movem para abrir caminhos legais que permitam dar vazão à demanda, sem que as decisões impliquem mais riscos para a estabilidade do país.

Para além do impacto na economia, o presidente também age, claro, de olho na ressaca política que emergirá no rastro da pandemia. Até a noite de quinta-feira, 19, o novo coronavírus já havia matado sete pessoas e infectado pelo menos 621 no Brasil. Hoje, é impossível dimensionar a extensão do estrago na saúde e na vida das pessoas. O que se sabe é que ele virá – e ainda com mais força.

TSE



aliados, Rodrigo Maia diz que não quer ser confundido com Eduardo Cunha

A julgar pelo que ocorreu nos demais países afetados, vai piorar muito antes de melhorar. “Depois da crise de 2008, vieram as primaveras árabes, a desestabilização dos governos do norte da África e os protestos em Portugal e na Espanha. Ao fim de toda crise, há sempre um acerto de contas político. O governo demonstra desde já preocupação com isso”, diz o cientista político Leonardo Barreto, já prevendo uma instabilidade política. Ele avalia, no entanto, que medidas econômicas anunciadas nesta semana podem ajudar Bolsonaro no cenário pós-crise. “Trabalhadores informais nunca foram alvo de nenhuma política pública de contenção de crise, como agora. Além disso, vai haver reforço do Bolsa Família. Essas medidas mostram a grande preocupação política com os efeitos da crise econômica. A ideia é tentar resgatar pessoas, não só empresas, para minimizar os riscos da ressaca que se avizinha.”

Os temores da elite econômica, um dos pilares de sustentação de Jair Bolsonaro, ainda não são fortes o suficiente para abalar politicamente o governo. O sentimento geral no Congresso – que é quem pode complicar a vida de Bolsonaro – é de que, por ora, é melhor deixar tudo como está para que não fique ainda pior. Por “deixar tudo como está”, leia-se não criar embaraços na Câmara e Senado capazes de colocar o governo em xeque. Embora tenha se surpreendido com a contundência dos pênaltos, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, já deixou claro a interlocutores que não pretende dar vazão aos pedidos de impeachment que surgirem contra o presidente, como, por exemplo, o apresentado pelo deputado Alexandre Frota, do PSDB, no fim da tarde desta quinta-feira, 19. **Crusoé** apurou que Maia pediu expressamente a aliados que evitem defender a saída de Bolsonaro. Ele avalia que a crise do novo coronavírus é de proporções gravíssimas e não seria razoável escalar a guerra política neste momento. Ao mesmo tempo, o deputado e seu entourage calculam que encurralar o governo agora seria “jogar o jogo” de Bolsonaro, que aproveitaria o gesto para reforçar o discurso de que sofre perseguição de integrantes da política tradicional.

Em conversas reservadas, Maia tem dito que não quer ser comparado ao ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha. Após romper com a então presidente Dilma Rousseff, o ex-deputado patrocinou a aprovação de várias pautas bombas para o governo e foi o responsável por detonar o processo de afastamento da petista. Cunha acabou cassado pelos próprios colegas e preso pela Lava Jato. O atual presidente da Câmara repete que não pautará projetos que signifiquem despesas para o governo, a não ser que estejam dentro do pacote de combate ao coronavírus.

Do outro lado da Praça dos Três Poderes, Bolsonaro ganha fôlego para focar no essencial, qual seja, o combate à crise. Depois de ser bombardeado de críticas por sua estratégia de não dar importância à pandemia, o presidente mobilizou ministros, chamou chefes de outros poderes para conversar, concedeu entrevistas e tentou deixar de lado a imagem de inação. Agora, terá pela frente o desafio de conduzir o Brasil durante uma guerra branca de proporções gigantescas, com reflexos na saúde pública, na economia e na política. Ninguém sabe por quanto tempo famílias ficarão isoladas e fábricas e lojas permanecerão com as portas fechadas. De casa, uma sociedade apreensiva acompanha o desenlace da crise. Ao menos na luta pela sobrevivência do país e contra o novo coronavírus, todos parecem estar do mesmo lado.



CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACE//E: t.me/jornaiserevistas



O ministro Mandetta: jornada de 15 horas por dia em meio à crise

O senhor Corona

O ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, mostra serviço e atrai elogios até de opositores do governo. Sua história, porém, é similar à de outros políticos da velha guarda

20/03/2020 01:31



FABIO LEITE

▶ OUVIR NOTÍCIA

Epidemia não é uma novidade na trajetória do médico Luiz Henrique Mandetta. Só em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, ele enfrentou três no período em que foi secretário de Saúde, na década passada. A mais grave foi a da dengue, em 2007, que acometeu 45 mil habitantes da cidade, incluindo o então prefeito e seu primo, o senador Nelsinho Trad, que agora está com a Covid-19. Duas pessoas morreram. O desespero levou Mandetta a oferecer prêmio em dinheiro para a população acabar com os criadouros do

mosquito *Aedes aegypti*. A estratégia ajudou a contornar a crise naquele momento, mas a doença nunca abandonou o verão pantaneiro – como, de resto, persiste pelo Brasil afora.

Neste ano, já são quatro as mortes em razão do novo surto de dengue na terra natal do ministro. Até o início de fevereiro, a doença era o grande foco de preocupação do ministério. “Você tem muito mais chance de morrer de dengue no Brasil, hoje, do que de coronavírus”, dizia Mandetta à época. O discurso começou a mudar rapidamente depois que a Covid-19 “desembarcou” no Brasil logo após o Carnaval e foi rapidamente se alastrando pelo país. Demonstrando domínio técnico do assunto, com fala serena e explicações realistas à imprensa, o ministro logo assumiu um protagonismo que lhe rendeu elogios diversos, inclusive de opositores ao governo, mas incomodou a parcela de aliados que vinha minimizando a gravidade do problema.

“Vamos lá, Mandetta: esse vírus aí, coronavírus, é para assustar?”, perguntou o presidente Jair Bolsonaro a seu ministro da Saúde durante uma transmissão ao vivo pelo Facebook na semana passada. Ambos usavam máscaras cirúrgicas — havia a suspeita de que Bolsonaro poderia ter contraído a doença durante uma viagem aos Estados Unidos.

Na live, Mandetta parecia ter finalmente convencido o chefe sobre a magnitude da crise. O presidente sugeriu que as manifestações em defesa do seu governo, que ocorreriam no fim de semana seguinte, fossem adiadas. Na véspera, a Organização Mundial da Saúde havia declarado que o quadro era de pandemia. Apesar das aparências, Bolsonaro ainda não tinha se rendido integralmente às orientações do subordinado – a ponto de sair do palácio e cumprimentar participantes dos atos que ele próprio havia desaconselhado na transmissão.



Entrevista coletiva no ministério: compromisso diário

Se de um lado Jair Bolsonaro atraía críticas ao dar sinais de que estava disposto a desafiar a gravidade da epidemia, Mandetta despontava de outro, recebendo afagos públicos de desafetos do presidente, como o governador paulista João Doria. A situação irritou o presidente. Na quarta-feira, em uma entrevista coletiva, ele negou ter qualquer problema com o ministro, mas deixou claro seu desconforto com aqueles que elogiam o ministro e o desconsideram como o “técnico” do “time que está ganhando”.

Ortopedista pediátrico, Mandetta é essencialmente político. Um ex-deputado federal do DEM que tem o DNA do Centrão, a ala fisiológica do Congresso Nacional duramente atacada pela rede bolsonarista. Ele e o presidente se aproximaram na Câmara dos Deputados quando foram vizinhos de gabinete e partilhavam críticas a bandeiras da esquerda, como a legalização das drogas, e a programas do PT, como o Mais Médicos.

A chegada de Mandetta ao ministério foi possível graças ao apoio de grandes amigos de partido que são aliados de Bolsonaro, como Onyx Lorenzoni, até recentemente ministro chefe da Casa Civil, e o governador de Goiás, Ronaldo Caiado. Com a perda de influência da dupla no governo e a ascensão do coronavírus, Mandetta virou o homem forte do grupo dentro da máquina. Os elogios a seus acertos têm lastro na mesma medida em que há, nas ações oficiais de combate ao coronavírus, outros envolvidos merecedores de crédito.

Desde a confirmação do primeiro caso de coronavírus no país, Mandetta tem trabalhado mais de 15 horas por dia, não raro despachando no ministério até a madrugada. Aos 55 anos de idade, abriu mão dos finais de semana com a família — tem três filhos e um neto — em Campo Grande, para se debruçar sobre estudos e gráficos que reportam a evolução da doença em uma série de outros países. Fez uma exceção para ir pessoalmente retirar os pais, com mais de 80 anos de idade, da capital e levá-los para um sítio mais afastado no Mato Grosso do Sul. A mulher, também médica, fica com ele em Brasília. Ela trabalha no Hospital Regional da Asa Norte, uma das unidades de referência no tratamento do vírus na cidade. Os cerca de 50 compromissos semanais que o ministro costumava ter com parlamentares e prefeitos foram substituídos por audiências com o corpo técnico da pasta, médicos de diferentes regiões, representantes de organismos internacionais e com o presidente Bolsonaro, com quem tem falado pelo menos duas vezes por dia.

Reprodução/Facebook



ministro durante live com o presidente

À frente de um dos ministérios mais importantes da Esplanada, Mandetta soube se cercar de uma equipe preparada que também vem sendo elogiada largamente por médicos e especialistas de diferentes instituições. Em seu histórico, o ministro coleciona algumas notas que destoam um pouco de sua aplaudida atuação no combate à epidemia de coronavírus. É réu, por exemplo, em uma ação de improbidade na qual é acusado de fraudar um contrato de 8,1 milhões de reais para favorecer uma empresa de informática quando era secretário em Campo Grande, em 2010. Segundo o Ministério Público Federal, ele viajou a Portugal com despesas pagas pelo empresário que venceu a licitação e depois fez doações via caixa 2 para sua campanha. Um segundo processo, desmembrado desse, foi enviado recentemente para a Justiça Eleitoral do Mato Grosso do Sul. Ambos estão em segredo de Justiça.

A relação de financiadores de campanha de Mandetta revela elos com outros personagens enrolados com a Justiça. Em 2014, quando se reelegeu deputado, o democrata recebeu um cheque de 100 mil reais do empresário João Roberto Baird, apelidado de “Bill Gates Pantaneiro” e denunciado por esconder 6,5 milhões de reais no Paraguai. Outros 154 mil reais foram transferidos pelo frigorífico Buriti, apontado pelo empresário Joesley Batista como um dos emissores de notas frias para o esquema com o qual a JBS irrigava contas de políticos.

O próprio ministro bancou praticamente um quarto de sua campanha na ocasião em uma conta que, aparentemente, não fecha. Foram 489,3 mil reais, sendo 189,3 mil em espécie. O valor representa 77% de todo o patrimônio declarado por ele à Justiça Eleitoral naquele ano. Um dos mais fiéis colaboradores de campanha de Mandetta é o empresário Aurélio Nogueira Costa, que repassou 144 mil reais, a maior parte em dinheiro vivo, nas eleições de 2010 e 2014, por meio da empresa Cirumed Comércio Ltda, que já foi alvo de uma operação da Polícia Federal por suspeita de fraudar licitações para fornecimento de medicamentos em prefeituras do Mato Grosso do Sul, incluindo Campo Grande. Na última quarta, como antecipou a newsletter *Brasil Real Oficial*, uma outra empresa de Costa, a Prosanis, foi contemplada com um contrato de 700 mil reais sem licitação assinado pelo ministério de Mandetta para fornecer avental hospitalar durante as ações de combate ao coronavírus. A **Crusoé**, o ministério afirmou que recebeu duas propostas e que o valor cobrado pela empresa era 22% menor do que o preço médio do produto. “O processo ocorreu conforme a legislação, de forma transparente e proba”, afirmou a pasta.

Aliado do ex-governador André Puccinelli, do MDB, preso duas vezes nos últimos anos acusado de corrupção, e do atual governador do Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja, do PSDB, Mandetta desistiu de tentar a reeleição para a Câmara dos Deputados em 2018 com receio de naufragar nas urnas. No páreo também estavam o deputado Fabio Trad, do PSD, primo do ministro, e a atual ministra Tereza Cristina, do DEM, ambos eleitos. Agora, Mandetta já desponta como um dos nomes mais fortes para sucessão do governo estadual, em 2022. Pelo menos até aqui, ele pode estar certo de que a crise do coronavírus o deixou maior do que era.



Cabral cumprimenta Luiz Zveiter nos tempos de bonança

Propina com foro



CANAL ÚNICO PDF O JORNALISTA
ACESSO: t.me/jornalistas

Sérgio Cabral narra pagamento milionário de propina para Luiz Zveiter, um dos mais destacados desembargadores do Rio

20/03/2020 01:31



FABIO SERAPIÃO

▶ OUVIR NOTÍCIA

A família Zveiter é um das mais poderosas no meio jurídico do Rio de Janeiro. O patriarca, Waldemar Zveiter, foi desembargador no Tribunal de Justiça fluminense e ministro do Superior Tribunal de Justiça, indicado pelo ex-presidente José Sarney. Dono de um famoso escritório de advocacia, o clã também ocupa cargos destacados na política e na superestrutura que comanda o esporte nacional. Sérgio, um dos filhos de Waldemar, foi secretário estadual, deputado federal e presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva, o STJD, que já teve outros familiares dele entre seus integrantes.

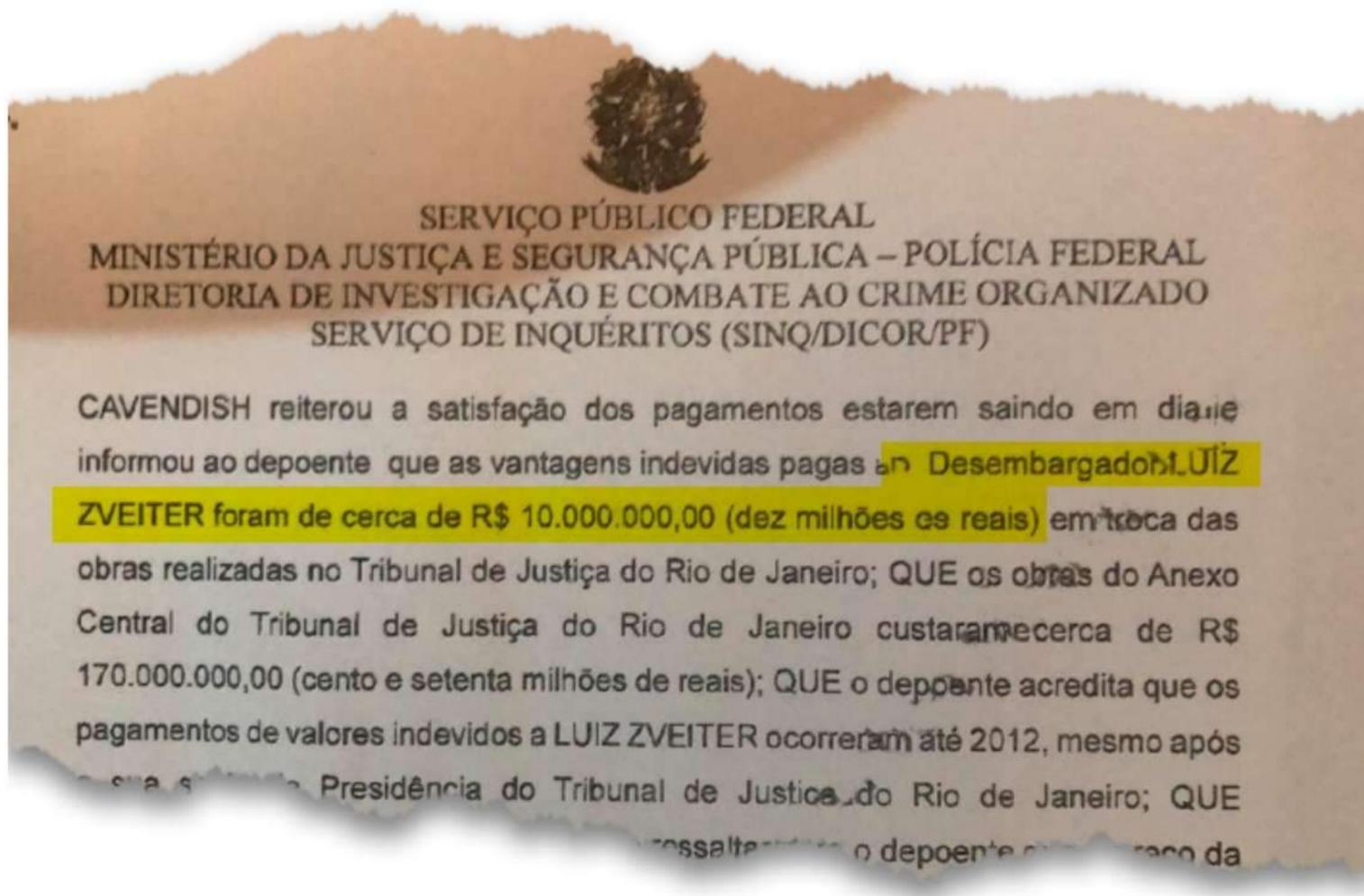
Luiz Zveiter, o primogênito, seguiu os passos do pai e é o decano do TJ do Rio, onde integra o órgão especial, encarregado de julgar personalidades com foro privilegiado. Ele chegou à corte em 1995 pelo quinto constitucional, sistema pelo qual a OAB pode indicar uma parcela dos magistrados de tribunais. Ao longo dos últimos anos, Luiz Zveiter foi alvo de representações no Conselho Nacional de Justiça, o CNJ, por suspeitas diversas, de ajuda para amigos em concurso público a favorecimento a empresas clientes da banca de sua família. O rol inclui ainda irregularidades em licitações no TJ quando ele presidiu a corte, de 2009 a 2010. Todos os procedimentos foram arquivados ou estão estacionados nas gavetas do órgão que deveria fiscalizar a conduta de juízes brasileiros.

Um dos casos envolve a concorrência para a construção de um dos edifícios da sede do tribunal e foi remetido aos arquivos do CNJ recentemente. O conselho negou a abertura de um modesto processo administrativo disciplinar para averiguar a conduta do desembargador. Na última semana, porém, o ministro Edson Fachin enviou ao STJ um cartapácio com informações que podem mudar o rumo da história.

Integram o pacote dois inquéritos abertos com base no acordo de colaboração de Sérgio Cabral, ex-governador do Rio que tinha em Zveiter um de seus principais aliados no Poder Judiciário. Um desses inquéritos tem potencial para não apenas reabrir o caso no CNJ como, em paralelo, gerar problemas de ordem criminal para o desembargador carioca.

O material contém relatos acerca da contratação da Delta Engenharia, do multi-enrolado empreiteiro Fernando Cavendish, pela gestão de Zveiter na presidência do TJ, e traz uma acusação grave. De acordo com o relato de Cabral, ao qual **Crusoé** teve acesso, o empreiteiro pagou 10 milhões de reais para levar a obra, prevista para custar 141 milhões de reais e que extrapolou em muito os valores contratados.

O relato vai ao encontro das conclusões de uma auditoria realizada pelo Tribunal de Contas da União e pela Controladoria-Geral da União que esmiuçou os custos da obra e apontou um “sobrepço global” estimado em 15,8 milhões de reais.



Trecho do depoimento em que o ex-governador acusa o desembargador

Ao delegado Bernardo Guidali, da Polícia Federal, Cabral foi às origens de sua relação com Zveiter. Disse que se aproximou dele nas eleições municipais de 2000, quando seu irmão Sérgio foi candidato à Prefeitura de Niterói. O delator era deputado estadual. À época, diz ele, a relação com o desembargador era “meramente institucional”. Com o irmão dele, porém, ia mais além: Cabral diz ter ajudado Sérgio, o político da família, na “administração dos recursos” e em “alianças políticas”.

A partir daí, a amizade com Luiz Zveiter foi se estreitando até que, em 2009, o desembargador lhe teria feito um pedido especial. Àquela altura, Cabral já era governador. Ele diz que Luiz Zveiter o procurou em busca de ajuda: queria se aproximar de Cavendish. A Delta Engenharia, uma das empresas prediletas de Cabral, vivia o auge de sua existência, com contratos milionários em várias partes do país – só anos mais tarde os métodos da empreiteira viriam a ser conhecidos.

O TJ do Rio tinha colocado na praça uma licitação para a construção de mais um prédio em seu complexo. Cabral atendeu o pedido do desembargador e acionou Cavendish de pronto. O assunto da conversa era justamente a concorrência. Segundo Cabral, o empreiteiro se animou com o interesse de Zveiter, principalmente porque a obra seria custeada com dinheiro do Fundo Estadual de Justiça e, portanto, dificilmente haveria atraso nos pagamentos.

É aí que Cabral começa a detalhar a grave acusação ao desembargador, até há pouco um de seus mais fiéis amigos. O ex-governador afirma ter ouvido de Zveiter, ainda no período em que a licitação estava em curso, que uma empresa “abusada” estava tentando entrar no jogo e atrapalhar o processo. Essa empresa teria sido “retirada” do páreo por decisão de Zveiter, então presidente da corte.

A partir de então, o caminho estava aberto para a Delta, que ganhou a concorrência e executou a obra – não sem pagar a milionária propina. Cabral diz que “no decorrer das obras, tanto Cavendish quanto Luiz Zveiter demonstraram que o acordo havia dado resultado”. O empreiteiro, na versão do político, comentou algumas vezes que a obra andava rápido porque o “fluxo de pagamentos não era interrompido”.

Cabral relata que Cavendish lhe falava, à altura dos acontecimentos, da “satisfação dos pagamentos em dia” e, nesse contexto, fez a ele o relato sobre o pagamento de 10 milhões de reais a Zveiter. O magistrado, segundo o governador, dizia que Cavendish era “sujeito homem”, que honrava os compromissos. E comemorava o acerto afirmando que o negócio tinha saído “até barato” – sim, ele considerou a propina uma pechincha – se fossem levados em conta o valor da obra e a pontualidade dos pagamentos do TJ à Delta.

Divulgação



complexo do TJ fluminense: a Delta pagou propina milionária para fazer a obra, segundo Cabral

Agora no STJ, foro de investigações criminais envolvendo desembargadores, esse capítulo da delação de Cabral tende a virar um caso autônomo. No CNJ, que apura desvios administrativos de magistrados, o material pode fazer com que o procedimento recém-arquivado que tratava do assunto volte a ser apreciado.

Edson Fachin também enviou ao tribunal um relatório de Polícia Federal que corrobora o relato do ex-governador. Os investigadores confrontaram as afirmações de Cabral com informações conhecidas sobre a licitação para aferir se o que ele dizia tinha sentido. Encontraram os registros da disputa vencida pela Delta, cujo resultado foi publicado em julho de 2010, e pesquisaram as circunstâncias em que outra empresa, a Paulitec, foi limada da concorrência. Era, ao que tudo indica, a tal construtora “abusada” que queria atravessar o negócio.

A Paulitec, observam os policiais no relatório, chegou a ser declarada vencedora da licitação dois meses antes de o contrato ser entregue à Delta. Ela acabou saindo do jogo em razão de mudanças de última hora no edital. As tais mudanças levaram à realização de um novo processo de licitação, finalmente vencido pela empresa de Fernando Cavendish.

A PF também levantou os valores pagos pelo TJ à construtora: 268 milhões de reais. O documento conclui que “existem elementos que corroboram a narrativa de direcionamento de licitação para a Delta, tendo sido possível identificar a empresa adjetivada de ‘abusada’ no termo de colaboração como sendo a Paulitec”.

Como **Crusoé** já mostrou, a mesma delação que traz as suspeitas sobre Zveiter inclui acusações contra dois ministros do STJ, a corte que agora recebe o capítulo sobre o desembargador carioca. São citados os ministros Napoleão Nunes Maia Filho e Humberto Martins. Corregedor-nacional de Justiça, cargo que lhe confere as atribuições de xerife do Judiciário, no CNJ Martins votou pelo arquivamento da apuração disciplinar que ligava Zveiter a irregularidades na licitação.

Procurada por **Crusoé**, a defesa de Luiz Zveiter afirmou que ele nunca esteve com Fernando Cavendish e que manteve apenas contato institucional com Sérgio Cabral quando ele era governador do Rio de Janeiro. O advogado Pierpaolo Cruz Bottini disse que, embora a licitação tenha ocorrido quando o tribunal esteve sob a presidência do desembargador, apenas uma parte pequena do valor do contrato, 1 milhão de reais, foi paga no período. O restante, afirma, teria sido repassado pelos presidentes que o sucederam. O advogado disse ainda que a concorrência foi esmiuçada pelo CNJ, que não encontrou irregularidades, e que o próprio Cavendish, em depoimento, afirmou não conhecer Zveiter e negou ter pago propina pela obra.



CANAL ÚNICO PDF O JORNALISTA
ACESSO: t.me/jornaiserevistas

"Neste momento (a doença) está mudando a história. O que vai acontecer a longo prazo só o tempo vai dizer"

A epidemia em perspectiva

Estudioso das epidemias que marcaram a história, o infectologista Guido Levi diz que ainda há um "longo caminho" pela frente no combate ao coronavírus e defende as medidas de contenção adotadas até agora

20/03/2020 01:31



FABIO LEITE

▶ OUVIR NOTÍCIA

Pela primeira vez em 45 anos de ofício, o médico Guido Carlos Levi "fugiu" de uma epidemia. Na última quarta-feira, 18, um dos principais infectologistas do país deixou seu consultório em São Paulo para se isolar em um sítio a 70 quilômetros de distância, no interior paulista. O autoconfinamento foi uma decisão difícil, mas necessária diante do novo flagelo mundial que já causou mais de 8 mil mortes. No Brasil, os primeiros óbitos ocorreram nesta semana. Aos 78 anos de idade e com um recente episódio de arritmia cardíaca, Levi figura no grupo de risco do novo coronavírus, o que o obrigou a largar o jaleco branco por pelo menos um mês.

A precaução do médico que já combateu doenças epidêmicas que aterrorizaram a população, como varíola, sarampo e Aids, revela a gravidade da Covid-19. Membro da Sociedade Brasileira de Imunização, Levi chegou a atender pacientes em leitos improvisados na garagem do hospital Emílio Ribas, do qual já foi diretor, durante a grande epidemia de meningite em 1974. Com a experiência de quem enfrenta há décadas moléstias infecciosas, ele não enxerga histeria na condução das medidas contra a atual pandemia. Nesta entrevista a **Crusoé**, Levi elogia as medidas restritivas de isolamento social já adotadas em alguns estados brasileiros e traça um diagnóstico pouco animador. Para ele, “ainda temos um longo caminho pela frente” no combate ao vírus e o número de contaminações “vai crescer vertiginosamente nas próximas semanas”.

Em 2018, Guido Levi uniu duas grandes paixões, a medicina e a história, no livro *Doenças que mudaram a história*, obra na qual relata como enfermidades como o escorbuto e a cólera alteraram o destino de povos e nações ao longo dos séculos. Para ele, ainda é preciso observar como os países vão sair da nova pandemia, para saber se a Covid-19 entrará para esse grupo de doenças que deixaram cicatrizes na humanidade. De qualquer forma, o infectologista sustenta que qualquer comparação entre a taxa de mortalidade do coronavírus e a de outras epidemias que vitimaram milhares de pessoas, como a H1N1 de 2009 ou a gripe espanhola de 1918, é um “desserviço” prestado por quem quer negar a realidade. O mais preocupante agora, diz, é a velocidade de propagação do novo vírus, o que pode colapsar sistemas de saúde pelo mundo. A seguir, os principais trechos da conversa.

Diante do quadro de pandemia e do impacto causado pelo coronavírus, já é possível dizer que a Covid-19 é uma doença que vai mudar a história?

A gente não pode adivinhar, mas neste momento está mudando a história. O que vai acontecer a longo prazo só o tempo vai dizer. Se os países que estavam bem vão cair por causa da epidemia, isso não é rápido. Ainda temos um longo caminho pela frente. Nós temos meses de epidemia pela frente. Depois de seis meses ou um ano é que a gente vai poder analisar como foi a recuperação em cada país.

O governo brasileiro estima que os novos casos de infecção vão crescer pelos próximos três meses, chegando a um pico em meados de junho.

A discussão se o pico será em meados de junho ou meados de maio ainda não está definida. Com certeza nas próximas duas ou três semanas nós vamos ter uma subida vertiginosa do número de casos.

Há quem entenda que as medidas restritivas adotadas em alguns estados, como fechar escolas e o comércio, começou muito cedo. O sr. acha que essas medidas foram muito antecipadas?

Antecipadas com certeza não foram. Se diminuirmos a velocidade do crescimento e o número de casos logo no começo, é mais fácil reduzir o estrago da epidemia e também adequar o sistema de saúde para fazer os atendimentos. Mas, se houver um crescimento desmesurado, como houve em muitos países, não tem sistema de saúde no mundo que agüente. Como aconteceu na Itália, que é um país de economia forte, cultura bastante elevada. Lá aconteceu uma tragédia de falta de leito, falta de equipamento, de tudo. E não estamos falando dos lugares mais pobres da Itália, estamos falando de Lombardia e Vêneto, que são duas das regiões mais ricas.

O Brasil teve a pequena vantagem de poder observar como a epidemia se manifestou na China e depois na Europa, antes de ela chegar aqui. Quais são os erros e acertos na gestão da crise em outros países que nós podemos tomar como exemplos?

Embora muita gente critique nosso sistema de saúde, acho que a resposta que nós demos aqui foi muito boa. O ministro da Saúde (*Luiz Henrique Mandetta*), até aqui, teve um desempenho excelente, muito competente, tranquilo, combatendo o pânico, tomando as medidas que poderia tomar. Acho que o Brasil foi bem. Vamos ver se vai agüentar o empuxo que vem agora nas próximas semanas. Por enquanto, tivemos o predomínio em áreas mais ricas do país. São Paulo e Rio são as cidades que mais têm recursos. Imagine quando pegar as áreas mais pobres e mais distantes.

Reprodução



Acho que a resposta que nós demos aqui foi muito boa”

O presidente Jair Bolsonaro chegou a falar em “histeria” e criticou ações de governos estaduais que estariam espalhando pânico na sociedade. Como ser transparente sem causar pânico nas pessoas?

Eu nunca vi transparência ser uma coisa negativa. Acho negativo desprezar evidências científicas, caçoar daquilo que o mundo inteiro já sabe, isso é negativo. O nosso ministério agiu tranquilamente na comunicação à sociedade. Nosso ministro da Saúde é ortopedista, mas teve um comportamento de um excelente epidemiologista. A atitude do presidente foi mais uma daquelas que depois ele teve de dar marcha a ré, em poucos dias. Isso já não é mais uma novidade.

Como classificar o novo coronavírus, em nível de gravidade, na história das epidemias mundiais?

Se você pegar a epidemia da gripe espanhola, em 1918, como ponto central, a mortalidade foi muito maior. Mas era uma época em que não havia antibióticos, aparelhos de respiração, nada disso. Nas epidemias de cólera e da peste, a mortalidade era realmente muito maior porque não tinha nada em termos de assistência de saúde. Agora, em número total de pessoas infectadas, talvez o coronavírus equilibre essa equação de gravidade com essas outras epidemias. Em termos de mortalidade pelo vírus, até o momento, os números são menores que os de outras epidemias do passado. A rapidez de propagação é o que preocupa. Alguns países tomaram cuidado de isolamento, como a China, Singapura, Taiwan, e conseguiram conter a epidemia. E não foi com vacina, foi simplesmente deixando as pessoas em casa. Então, não dá para dizer que as medidas que o governo está tomando aqui são excessivas. Não são. É o único jeito de segurar. É complicado deixar as crianças fora da escola? É complicado. Muitos comem na escola, os pais não têm com quem deixar os filhos por causa do trabalho. Mas não existe alternativa. Ou você faz alguma coisa realmente incisiva, ou não vai conter isso aqui. Enquanto o número de casos não cresce rapidamente, mais chance tem de tratar. Você pode ter até 60% da população infectada, mas, se isso for de forma gradual, é muito mais possível o sistema de saúde dar uma resposta.

Por que o coronavírus se propaga tão rápido? Ele é mais poderoso que os outros vírus?

Na verdade, cada vez que aparece um agente novo, ele encontra uma população sem defesa. Não existem anticorpos contra ele. Em um lugar que tem uma doença há séculos, ela costuma ter gravidade menor, porque existe uma imunidade transmitida através das gerações. Então, a doença é menos grave naqueles locais. Mas quando chega um bicho novo, como o vírus novo de gripe que em 2009 atingiu o México, Peru e Brasil, o estrago foi enorme porque nunca o tínhamos tratado. Com o tempo, a população vai desenvolvendo certa imunidade. Eu acredito que, daqui a 30 ou 50 anos, vamos lembrar da Covid-19 como

um vírus muito grave apenas quando se alastrou. Na verdade, existe a tendência de os vírus ficarem menos malignos porque o importante para eles é se espalhar. Se matarem toda a população, desaparecem juntos. A tendência é eles ficarem menos patogênicos através do tempo, para atingirem mais gente. Enquanto isso, surgem outros. A batalha da humanidade contra esses agentes é cheia de surpresas. Quando ganhamos de um lado, de repente aparece um novo inimigo.

E a melhor forma de derrotá-los é através da vacina?

Quando não temos uma vacina, só controlamos uma epidemia pelo esgotamento do número de pessoas que podem contrair a doença. A maior parte da população passa a ter defesa contra aquele agente porque desenvolve defesa imunológica. Além disso, quando há uma grande parte da população que já é imune, a chance de disseminação se torna muito menor. O número de pessoas não infectadas que vão ser infectadas dali para a frente é muito menor do que aquele que foi infectado inicialmente. Acho que vai demorar um ano ou pouco menos para termos essa vacina. O que vai acontecer é que daqui a três meses, mais ou menos, vamos ter uma redução bastante grande dessa epidemia, porque haverá um número enorme de pessoas imunizadas por causa da própria infecção, já que muitas vezes a reação foi assintomática ou pouco sintomática e as pessoas nem sabe que tiveram.

Divulgação/Cedipe



“Daqui a três meses vamos ter uma redução bastante grande dessa epidemia porque haverá um número enorme de pessoas imunizadas”

No Brasil, a pandemia do H1N1 matou mais de 2 mil pessoas em 2009 e não causou toda essa comoção. É possível comparar as situações?

São comparações inúteis. Dizer que em uma epidemia morreu 10% a mais do que na outra não serve para nada. Qual a vantagem disso do ponto de vista da saúde pública? Nenhuma. Nós sabemos que essa doença mata muita gente, que essa doença mata muitos idosos, muitas pessoas que têm doenças pré-existentes. Não há vantagem em dizer que morreu

mais gente na gripe de 2009 ou na gripe espanhola de 1918. Isso só serve para quem quer diminuir a importância do que está acontecendo. É um desserviço.

Quem vê exagero nas ações contra o coronavírus costuma usar argumentos econômicos e sociais para dizer que o combate à doença pode provocar outras crises graves, como desabastecimento e desemprego. Faz sentido?

Basta ver o exemplo da China, onde o número de novos casos hoje é mínimo. Segundo afirmou o embaixador da China no Brasil, em um mês a economia deles estará recuperada. Agora, para quem morreu não importa mais a recuperação da economia. Também dizem que a vacina prejudica o sistema imunológico, sem nenhuma evidência científica. Tudo bobagem. São franco-atiradores. A varíola, antes da vacina, matava 400 mil pessoas por ano na Europa. A varíola matou 3 milhões de pessoas quando chegou nas Américas. Hoje ninguém sabe o que é varíola. São pessoas que usam argumentos completamente desprovidos de base científica, posições absolutamente negacionistas. Se o governo vai lutar na frente de saúde, também tem que lutar na economia tomando medidas para reduzir os danos. É claro que vai ter impacto econômico. Vemos os lugares vazios, mas o que aconteceria se não fossem tomadas essas medidas? Talvez em vez de um restaurante vazio, você teria o dono dele e dois garçons mortos ou a caminho disso. São projeções que não têm nenhuma utilidade. Elas vêm de pessoas que querem sempre minimizar a importância da doença e da prevenção.

O surgimento dessa pandemia pode frear o crescente movimento antivacina no mundo?

Tenho minhas dúvidas se esses movimentos antivacinas são convencíveis. No norte da Itália, por exemplo, onde o movimento cresceu muito, fizeram uma pesquisa e descobriram que eles são 5%, mas a maioria, uns 3%, é daqueles que nós chamamos de hesitante — o sujeito que não sabe bem, tem medo, acha desnecessário porque nunca ouviu falar daquela doença. Esses, você convence. Para os 2% restantes, é religião. Você pode usar todos os argumentos científicos que não adianta.

Em seu livro, o sr. dá apelidos para as grandes doenças da história. Chama o escorbuto, por exemplo, de “peste dos mares”. Se tivesse que escrever um capítulo sobre o coronavírus, que nome daria a ele?

Olhe, ainda não pensei sobre o assunto. Esses nomes têm até um sentido um pouco jocoso, para o público leigo se descontraír com isso. Trabalhamos tanto contra essa nova epidemia que não tive tempo ainda de pensar sobre isso.



CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSO: t.me/jornaiserevistas

DIOGO MAINARDI NA ILHA DO DESESPERO

O Domingo do Diogão

20/03/2020 00:30

▶ OUVIR NOTÍCIA

Eu sou uma cobaia. Eu e minha ninhada. Estamos na gaiola há vinte dias, sem qualquer contato com outros exemplares de nossa espécie. Temos água, comida e Wi-Fi. E uma esteira rolante. E aulas de latim pelo Skype. Se algum de nós tentar escapar da gaiola, toma um choque — ou uma multa.

O resultado desse experimento será anunciado no domingo. Saberemos se o regime de isolamento total a que eu, minha ninhada e todos os italianos fomos submetidos conseguiu retardar a pandemia de Covid-19. Os modelos de laboratório mostram que o pico do contágio pode ocorrer na semana que vem: no dia 25, no dia 26, no dia 27. Neste domingo, porém, o massacre deve desacelerar, considerando que a Lombardia — a área mais devastada pelo novo coronavírus — fechou completamente no dia 8, e que o resto da Itália fechou logo depois, no dia 11.

Aqui em Veneza, estamos em quarentena desde 23 de fevereiro, quando decidiram suspender o Carnaval e fechar as escolas. As primeiras semanas foram avacalhadas, como nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil. Só no dia 8 a cidade fechou de verdade, proibindo o movimento de pessoas. De lá para cá, o contágio se estabilizou. No meu bairro, há apenas sete doentes. Como ninguém sai da gaiola, não há como espalhar o bicho.

Sim, esta é a coluna mais aborrecida de todos os tempos. Cobaia é assim mesmo: aborrecida. Só seria pior se eu ensinasse a lavar as mãos. Mas o fundamental, neste momento, mais do que entreter os leitores, é contar os dias, como um presidiário, e compreender em que medida o confinamento total consegue salvar vidas. A partir de domingo, teremos uma resposta, e o experimento italiano poderá ser replicado — ou não — em outros lugares. Eu sou uma cobaia, e estou pronto para ser vivisseccionado.

O efeito estranho do coronavírus

20/03/2020 01:31



MARIO SABINO

▶ OUVIR NOTÍCIA

Estou sozinho no meu autoconfinamento. Home office. Milhões de pessoas mundo afora estão sozinhas como eu. Como serão os próximos dias, ninguém sabe sobre si próprio, o quadro é apenas geral no seu drama. A única certeza é que eles, os dias, deverão compor um longo prazo para solitários ou aparentemente não. Lá fora, os barulhos da cidade diminuem a cada dia, prenunciando mais solidões. Com os silêncios que gradativamente se instalam, a imagem que me vem à cabeça é a da Morte divertindo-se enquanto ceifa vidas com a sua gadanha— o clichê do esqueleto com um sorriso no lugar da boca que nunca houve. Quem enviou o Anjo do Abismo? Tenho uma desconfiança.

Espero o resultado, mas não importa — o novo coronavírus tem efeito estranho sobre mim. É como se fosse eu o agente patogênico e não ele. Talvez tenha a ver com a minha solidão, mas me sinto isolado numa caixa hermética, de vidro, sob observação contínua. Sob observação da Natureza, mesmo que distante neste cupinzeiro de concreto no qual vivo. A Natureza que inverteu os papéis e me faz acreditar que nós, a humanidade, é que somos a peste a ser evitada, a ser contida, a ser exterminada. Neste apartamento vazio, sou parte do todo. Enfim parte.

Na Idade Média e nos primórdios da Idade Moderna, acreditava-se que as pestes eram castigo divino, de um Deus colérico que decidira punir os pecadores. As pestes, evidentemente, eram consequência das condições insalubres que propiciavam a propagação de bactérias, principalmente. Um microscópio rudimentar permitiu que se descobrisse a existência de bactérias, no século XVII; um microscópio eletrônico propiciou a descoberta dos vírus, na década de 1930. Os vírus são os seres alienígenas na essência. São uma partícula de proteína com o seu próprio material genético, que precisa de células alheias para reproduzir-se. Bactérias podem ser boas, tanto que as temos aos trilhões no corpo; vírus não são bons, com exceção daqueles que matam bactérias ruins, os bacteriófagos. As células preferidas dos coronavírus, velhos ou novos, são os pulmões.

Metade do mundo está confinada ou em vias de confinar-se porque, ao que tudo indica, um chinês comeu um tipo de tamanduá contagiado por um morcego infectado com o novo coronavírus. Alguns chineses também comem morcegos, como soubemos por meio daquele vídeo da sopa, que viralizou, com o perdão do trocadilho. Explica-se: morcegos praticamente não envelhecem, tanto que um adulto velho é semelhante a um jovem. São capazes de conviver saudavelmente com os vírus mais mortais, inclusive o Ebola. O tecido da pele de um morcego regenera-se de cortes profundos sem deixar cicatrizes. E a força deles é descomunal: único mamífero que voa, o morcego não tem os ossos ocos das aves. Alguns chineses, portanto, comem morcegos porque acham que toda essa força lhes será repassada. Pois é.

Ninguém sabe muita coisa sobre o novo coronavírus, mas pesquisadores americanos, em parceria com colegas franceses, trabalham incessantemente para descobrir uma forma de impedir que as nossas células pulmonares abram o caminho para que o novo coronavírus entre nelas. Neste momento, fechar a porta das células parece ser a forma mais promissora de enfrentar o inimigo — e a descoberta de um antiviral eficaz, qualquer que seja a estratégia empregada, não impede que se tenha uma vacina daqui a relativamente pouco tempo. É desses abnegados crentes na Ciência que dependemos todos.

O pouco que sei sobre bactérias, vírus e morcegos é suficiente para demonstrar que não sou um homem com mentalidade medieval, que enxerga um castigo divino nas pestes. Ainda assim, resta o efeito estranho que me causa o novo coronavírus — a de um instrumento do Anjo do Abismo que está a serviço da Natureza, para a destruição dos verdadeiros agentes patogênicos: nós, humanos.

Do ponto de vista da Natureza, se é que podemos dizer que ela tem um, quem lhe faz mal é o homem, não os vírus. Imagens de satélite mostram que o céu da Itália está menos poluído por causa da quase total paralisação da atividade industrial e dos transportes movidos a derivados de petróleo. A água dos canais de Veneza, como pode constatar o meu amigo Diogo, está ficando transparente, sem o óleo de tantos barcos que lá navegam habitualmente. Na Paris deserta, os passarinhos se fazem ouvir, relatam os cronistas. Você até pode achar que o aquecimento global não é causado pelo homem, mas não há como negar as evidências de que tudo melhorou, em curto espaço de tempo, sempre do ponto de vista da Natureza.

Não me tomem por ecochato. Tento aqui ser filosófico. A humanidade não será exterminada pelo novo coronavírus. Quando esse pesadelo acabar, e tivermos enterrado todos os nossos mortos, voltaremos à rotina de acreditar piamente que somos uma espécie invencível na sua marcha de progresso. Torço pela espécie, porque pertencço a ela, afinal de contas. Mas esse efeito estranho vai perdurar em mim até o fim: o de que nós é que somos os agentes patogênicos para a Natureza — que um dia acabará por prevalecer sobre a doença, a humanidade. Que o faça com propósito ou indiferença, tanto faz, o Anjo do Abismo não precisa obedecer a ordens. Agora entendo, na pele, o que o inglês John Gray escreveu em *Straw Dogs*:

“O *Homo Sapiens* é somente uma entre as muitas espécies, e que obviamente não vale a pena ser preservada. Cedo ou tarde, será extinta. Quando ela se for, a Terra se recuperará. Muito tempo depois que desaparecerem os últimos traços da humanidade, várias das espécies que nos empenhamos a destruir ainda existirão, ao lado de outras que ainda não surgiram. A Terra esquecerá a humanidade. O jogo da vida continuará.”

Volto para a minha solidão de agente patogênico, ansiando pela minha solidão rotineira. Aguentem firme.

Há algo de podre no reino da Dinamarca

20/03/2020 00:30



CARLOS FERNANDO LIMA

▶ OUVIR NOTÍCIA



CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACE/SE: t.me/jornaiserevistas

“Há algo de podre no reino da Dinamarca”, diz Hamlet ao perceber que se encontrava desamparado e em perigo diante do poder que presumia legítimo, o da coroa dinamarquesa. Da mesma forma que o herói de Shakespeare, o brasileiro também percebe seu abandono por uma elite política irresponsável, que busca apenas assegurar sua próxima eleição e a manutenção do poder em detrimento da população. Vemos isso, sabemos disso, mesmo com todas as tentativas de nos confundir. Há algo de podre na política brasileira!

E dois exemplos claros dessa irresponsabilidade foram-nos dados nos últimos dias. O primeiro deles foi quando o Congresso Nacional, por significativa maioria (na Câmara dos Deputados, foram 302 votos contra o veto e 132 a favor, e no Senado Federal, foram 45 votos a 14), derrubou o veto presidencial sobre o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e criou despesa sem fonte de até 20 bilhões de reais.

Não se trata, por óbvio, de negar que existam pessoas em situação de extrema penúria, merecedoras do amparo assistencial. Já há muito a Justiça, caso a caso, conforme estudo social demonstrativo da pobreza extrema, estendeu os parâmetros legais do BPC; nem mesmo, como sempre sugere Rodrigo Maia, de que qualquer crítica ao Congresso Nacional seja atentatória à própria democracia, esquecendo-se de que esta se fundamenta essencialmente no direito de crítica e da livre manifestação do pensamento. Trata-se de deixar clara a irresponsabilidade dessa decisão no momento que vivemos.

O que mais salta aos olhos é a completa dissociação da realidade que os parlamentares brasileiros demonstraram com essa derrubada do veto. Estamos vivendo em meio à crise sem precedentes do coronavírus, que pode levar milhões à penúria e milhares à morte, com risco crescente de abortar qualquer recuperação econômica, e o que eles fazem é destruir o pouco que resta de credibilidade deste governo. Sem a crença na capacidade econômica de superação da crise, ela se potencializará ainda mais. Economia vive de expectativas. Mas vá explicar isso para nossa elite política, que vive seu mundo próprio de interesses e barganhas.

Continuam nossos parlamentares com seu velho e abusivo hábito de fazer favor com o chapéu alheio. Parlamentares da meia-entrada, podemos assim chamá-los, que depois usam do rádio e de outdoors para assumir a paternidade do “benefício” que sequer sabem ou querem saber quem os paga. Agem como gordos bispos medievais, refestelados em seus magníficos tronos, que distribuía poucos pães produzidos com impostos e dízimos à multidão faminta, esperando depois que esta lhes beijasse os anéis em agradecimento.

Mas do outro lado da Praça dos Três Poderes também há muita irresponsabilidade. Em um momento no qual aglomerações são indesejadas, em que se espera das autoridades exemplo e liderança, aquele que deveria encarnar essas qualidades só confirma sua inaptidão para o cargo. Ao descer para cumprimentar a multidão reunida em contrariedade à orientação de seu próprio governo, ou pelo menos da parcela responsável que ainda nele existe, Bolsonaro demonstrou que não exerce qualquer influência positiva sobre a população brasileira, muito pelo contrário.

Da mesma forma que o Congresso Nacional vive das barganhas políticas e do desinteresse público, Bolsonaro vive de suas convicções preconceituosas e de uma premeditada ignorância. Mesmo alertado dos riscos de que a pandemia cause o colapso do sistema de saúde, da insuficiência de leitos de UTI e respiradores artificiais para dar conta de um exponencial avanço da Covid-19 em nosso país, o presidente mostrou-se novamente irresponsável, mostrou-se novamente o pior representante de seu próprio governo.

Tudo isso somente demonstra que a maior crise brasileira é a das suas instituições, ou melhor, do processo de escolha da elite política brasileira. Por diversos motivos fomos deixando a política nas mãos de pessoas não qualificadas e de uma elite nefasta. Fomos nós, brasileiros comuns, nos afastando das diversas instâncias que servem de filtro para a ascensão política. Ficamos todos nós como titulares não mais do poder, mas do voto apenas. Por isso somos lembrados apenas a cada quatro anos e não no dia a dia das decisões públicas.

A democracia exige um sistema de filtros de lideranças. Um sistema de filtros positivo, nos quais não se escolha alguém, como hoje, pela engenhosidade de fazer dinheiro ilícito, pela capacidade de ocultar os malfeitos ou eficiência em constranger ou cooptar autoridades, mas sim pelo desejo de cooperar e promover o melhor para nosso país, de buscar meios para tornar cada brasileiro autônomo e independente e, enfim, de assumir a responsabilidade por tão difícil tarefa.

Diante disso, o que resta é acreditar no brasileiro e na sua capacidade de sobrevivência e de solidariedade. Estamos caminhando por tempos difíceis. Todos nós, venhamos ou não a ser infectados pelo coronavírus, vamos sofrer as consequências desta crise. Vidas vão ser perdidas e empregos vão desaparecer. Temos que trabalhar, mesmo que em casa, educar nossos filhos, mesmo que sem escolas, temos que agir de modo responsável, apesar de nossos dirigentes, para que a crise vá embora o mais rápido possível e possamos reconstruir a economia.

Na mesma peça, há um momento em que se conclui: “a Dinamarca é o leito da luxúria e do incesto abominável”. Parafraseando Shakespeare, o Brasil é o leito do abuso e da irresponsabilidade abomináveis. É preciso lutar contra a crise, é preciso retomar os empregos, é preciso lutar por um futuro melhor. A solução é o povo exigir responsabilidade e mudanças.

Eduardo Bolsonaro está certo

20/03/2020 01:31



LEANDRO NARLOCH

Leandro Narloch é jornalista e autor do 'Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil'.

▶ OUVIR NOTÍCIA

C oisa rara, Eduardo Bolsonaro está certo. Comparou esta semana a crise do coronavírus na China com o desastre de Chernobyl. Tanto a ditadura soviética de 1986 quanto a chinesa de 2020 tentaram esconder o problema, o que potencializou o estrago. A comparação é boa. O coronavírus é o Chernobyl do comunismo chinês.

Concordo que não é maduro nem frutífero caçar culpados para o caos que vivemos essas semanas. Também concedo que pandemias têm inúmeras causas e fatores – a ditadura chinesa é só uma delas.

Dito isso, é ótimo que deputados brasileiros tenham coragem de denunciar os erros, as trapalhadas e os crimes que deixaram o novo vírus se espalhar.

Rodrigo da Silva, autor do *Guia Politicamente Incorreto da Política Brasileira* e do excelente artigo que Eduardo Bolsonaro compartilhou sobre a pandemia, lista uma série de reportagens mostrando as trapalhadas do governo chinês ao lidar com o início da crise. Algumas dessas barbaridades:

- A polícia chinesa prendeu o primeiro médico que tentou avisar os colegas sobre o novo vírus e o obrigou a assinar uma confissão de “comportamento ilegal”. Ele e outros sete médicos também tiveram que admitir em público que “espalhavam mentiras”;
- O governo destruiu amostras que seriam usadas para sequenciar o genoma do vírus ainda em dezembro;

- Impediu que os jornais noticiassem a epidemia e a ajudassem os cidadãos a se proteger. Dois jornalistas que gravaram vídeos sobre a doença na província de Wuhan estão desaparecidos;

- Proibiu os médicos de discutirem, em chats da internet, a possibilidade de um novo coronavírus ter infectado chineses;

- Só quase dois meses depois do primeiro caso a China declarou estado de emergência. A essa altura, o novo coronavírus já se espalhava pela Itália, levando provavelmente por turistas chineses que visitaram Roma;

Um estudo mostrou que, se o governo chinês tivesse agido três semanas antes, o número de casos seria 95% menor – e o problema poderia ter sido contido localmente.

O embaixador chinês no Brasil, que reagiu ao comentário do filho do presidente, preferiu entender errado. Disse que Eduardo Bolsonaro espalhou preconceito ao atribuir ao povo chinês a culpa pelo vírus. Que artifício retórico barato: acusar o adversário de uma conduta abjeta que ele não cometeu. Ora, o alvo foi sempre a ditadura chinesa, não o povo.

“Ah, mas a China é nossa maior parceira comercial, é preciso agir com diplomacia.”

Mas que postura covarde é essa? Agora vamos nos render a qualquer ameaça imaginária de retaliação ao que pensamos ou publicamos na internet? É um espetáculo revelador ver pessoas que se dizem de esquerda tão facilmente ignorarem a falta de liberdade de expressão na China em nome de supostos interesses comerciais.

Para a comparação com Chernobyl ganhar toques de perfeição, é preciso um detalhe. Mikhail Gorbachev dizia que o desastre nuclear na Ucrânia foi o começo do fim da União Soviética. Será que a trapalhada do coronavírus é um anúncio do fim da ditadura comunista de sete décadas da China? Tomara que sim.

Estresse fardado

20/03/2020 01:31

▶ OUVIR NOTÍCIA

A investigação para descobrir se Jair Bolsonaro contraiu ou não o novo coronavírus virou motivo de estresse entre militares e o corpo médico do Palácio do Planalto. A cúpula do Hospital das Forças Armadas, unidade de referência para atendimento ao presidente, gostaria de ter dado em primeira mão a Bolsonaro o resultado dos primeiros testes. Mas foi atravessada pelos médicos civis do palácio e pelo Gabinete de Segurança Institucional. Fontes do governo dizem que o clima pesou.

Adriano Machado/Crusoé



Bolsonaro de máscara no Alvorada: médicos militares queriam o resultado primeiro

Exame com codinome

20/03/2020 01:31

▶ OUVIR NOTÍCIA

Por motivos de segurança — e, claro, para evitar vazamentos —, a amostra de sangue de Jair Bolsonaro enviada para análise foi registrada com um codinome, de maneira que os responsáveis pelo serviço não soubessem que estavam manipulando o exame do presidente. A recomendação partiu da área de inteligência do governo.

Agência Brasil



Exame em laboratório: no caso de Bolsonaro, a amostra foi com codinome por segurança

O Coaf melhorou

20/03/2020 01:31

▶ OUVIR NOTÍCIA

Curiosamente, a força-tarefa da Lava Jato no Rio de Janeiro anda satisfeita com os relatórios do novo Coaf. Desde que o órgão saiu da esfera do Ministério da Justiça e foi para o Banco Central, a qualidade dos relatórios até melhorou, dizem procuradores da força-tarefa. Os investigadores dizem que os resumos das transações financeiras têm sido mais circunstanciados, com detalhes acerca das condições em que elas ocorreram e das razões pelas quais foram consideradas suspeitas.

Reprodução/TV Globo



Procuradores têm elogiado os relatórios produzidos pelo Coaf



CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSO: t.me/jornaiserevistas

Sem o celular

20/03/2020 01:31

▶ OUVIR NOTÍCIA

A Polícia Federal está prestes a desistir de usar o conteúdo do celular do advogado de Adélio Bispo no inquérito que apura se há mais envolvidos no atentado a faca a Jair Bolsonaro. Até aqui, os investigadores vinham aguardando o julgamento do recurso – agora, a cargo do Supremo Tribunal Federal – contra a liminar que os impede de acessar os registros do aparelho. Só que, em razão da demora, eles já pensam em concluir o inquérito sem essas informações. Caso a Justiça venha a liberar o acesso ao celular e sejam encontradas pistas relevantes, a investigação pode ser reaberta.



Adélio Bispo: último inquérito será concluído em dois meses

Morreu com ele

20/03/2020 01:31

▶ OUVIR NOTÍCIA

Antes de morrer, Gustavo Bebianno confirmou a interlocutores que um dos policiais federais indicados por Carlos Bolsonaro no início do governo para formar o que ele chamou de “Abin paralela” acabou indo parar na Abin oficial. Ao falar do assunto, Bebianno fazia uma ressalva: dizia que não gostaria de revelar publicamente o nome porque não sabia se o tal policial tinha conhecimento do plano de Carlos.

Charles Sholl/Raw Image/Folhapress



Bebianno: policial escalado para trabalhar na Abin

Castelo de Rosemary

20/03/2020 01:31

► OUVIR NOTÍCIA

Causou estranheza a uma ala de ministros do Superior Tribunal de Justiça a decisão do colega Nefi Cordeiro que anulou as provas do inquérito que investigava a notória Rosemary Noronha, ex-secretária de Lula, e outros acusados de receber propina para liberar o projeto de um terminal portuário na Ilha de Bagres, em Santos. O esquema foi descoberto pela Operação Porto Seguro e os envolvidos foram acusados formalmente pelo Ministério Público em 2012. O despacho do ministro Cordeiro, assinado em meio à crise do coronavírus, ganhou pouco destaque no noticiário. Ele tornou nulas as interceptações telefônicas e todas as provas que vieram a seguir, sob o argumento de que a decisão que as autorizou foi “genérica”. Colegas de toga do ministro compararam a canetada à malfadada anulação da Castelo de Areia — nesse caso, toda operação foi para a gaveta por obra de Cesar Astor Rocha, que alegou que a investigação teve início a partir de uma denúncia anônima. O STJ não disponibilizou a decisão de Nefi Cordeiro sob o argumento de que o processo corre em segredo. Procurada por **Crusoé**, a Procuradoria-Geral da República não respondeu se vai recorrer.



Rosemary Noronha: investigação anulada, e sem alarde



RUY GOIABA



CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSO: t.me/jornaiserevistas

Nós somos o violinista do Titanic

20/03/2020 00:30

▶ OUVIR NOTÍCIA

Tentar escrever uma coluna de humor no meio de uma pandemia que já matou gente à beça pelo mundo, só deve piorar no Brasil e está deixando apreensivas (para dizer o mínimo) todas as pessoas que tenham dois neurônios funcionais faz a gente se sentir um pouco como o violinista tocando enquanto o Titanic naufraga. “Cavalheiros, foi uma honra tocar com os senhores nesta noite.”

O que me consola um pouco é que humor, sendo válvula de escape, não deixa de ser também uma estratégia de sobrevivência. Qualquer pessoa séria da área reprovaria o modo como Jair Bolsonaro e alguns de seus ministros usaram as máscaras de proteção na entrevista coletiva que concederam na última quarta-feira, 18. Eu só consigo pensar que o governo federal recebeu consultoria de Didi Mocó para aprender como pôr e tirar essas máscaras. “Isso, presidente, deixa pendurada na orelha mesmo. Agora cobre os olhos, assim. Tá lindo!”

É natural do ser humano procurar ver alguma graça nessas coisas para não se deixar abater pela noção, absolutamente correta, de que nós estamos MUITO ferrados. Ainda mais em um cenário de quarentena. Fechado em casa, eu não só passei a achar graça das péssimas piadas de Tiozão do Zap mandadas por alguns dos meus amigos como desisti de qualquer pretensão à civilização e aderi também à tiozice do WhatsApp (mentira: não desisti. Pelo menos ainda tento não espalhar boato cretino nem “receita caseira de álcool gel”). Deve ser assim que cubanos e soviéticos se sentem, ou se sentiam, no meio da desgraça: a piada é a vodca indispensável para sobreviver quando tudo em volta é Chernobyl.

(Abro aqui um parêntese completamente desnecessário só para contar a minha piada soviética favorita: um cara saiu pela Praça Vermelha gritando “Brejnev é um idiota!”. Foi preso e condenado a 15 anos: cinco por insultar o secretário-geral do Partido Comunista e mais dez por revelar segredos de Estado.)

Por outro lado, como já disseram por aí, essa pandemia é o momento de os antissociais brilharem. Sempre soubemos que esse negócio de ficar abraçando, beijando, mantendo contato com outros seres humanos e gostando de gente em geral não resultaria em boa coisa. Hoje, vejam vocês, o modo correto de provar nosso amor à humanidade é ficar o mais longe possível de nossos semelhantes.

Moral da história: seja menos Cazalbé de Nóbrega (recebendo todo mundo naquele banco d’A Praça É Nossa) e mais Silvio Santos (“vai pra lá, vai pra lá, hi-hi, ha-haaaae”). No fundo, Silvio é o violinista do Titanic que o Bananão merece.

A GOIABICE DA SEMANA

Jair Bolsonaro poderia recorrer à pandemia do novo coronavírus para justificar a recessão que fatalmente se abaterá sobre o Brasil (o que aliás será verdade: até para os EUA já se prevê uma queda de nada menos que 14% do PIB no segundo trimestre). Poderia também usá-la para justificar medidas de exceção, que lhe permitiriam mandar no país sem aquele incômodo do Legislativo e do Judiciário. Em vez disso, o que o presidente escolheu fazer? Não apenas minimizar a pandemia – no que está sendo desmentido diariamente — e ir para a galera no domingo passado, 15, à moda do Seu Boneco da Escolinha do Professor Raimundo, como dizer na sua coletiva do dia 18, contra todas as orientações médicas e qualquer bom senso, que ninguém deverá se surpreender caso ele entre no metrô lotado em São Paulo, para “estar ao lado do povo”.

Jair Bolsonaro é provavelmente a pessoa mais JENIAU a já ter ocupado a Presidência do Brasil — um feito extraordinário no país que legou Dilma Rousseff à humanidade. A sequência de fotos abaixo comprova. Parabéns, presidente.

Adriano Machado/Crusoé



Placar do jogo: a máscara de proteção ganhou de Jair Bolsonaro por 3 a 0

Canal Único PDF O Jornaleiro



Cadê o Jornaleiro, gente?!
Acesse nosso Canal no Telegram:
t.me/jornaiserevistas ou [@jornaiserevistas](https://t.me/@jornaiserevistas)